

TOP! TOP!

Janeiro 2006 - nº 20



**Ecos do festival da HQ
latino-americana
independente**



Movimento

2005 foi marcado por dois eventos de peso para a produção independente. Em Morón, cidade da área metropolitana de Buenos Aires, tivemos o *Frontera: 1º Festival Internacional de la historieta de Morón*, reunindo centenas de quadrinhistas e editores da América Latina. No âmbito nacional, mas também com certa participação de produtores de países vizinhos, a ong Zinco organizou o seminário *Cabeças de Papel: zines e protagonismo*. Estes dois eventos apontam os caminhos que podem ser trilhados por nossa cultura alternativa e independente.



Roteiro

2. Cartum. Sergio Más
3. Quadrinhos que vencem fronteiras. Henrique Magalhães
6. Mensagem para todos os amigos “fronteros”. La Productora
8. Corporação de fanzines. HM
12. Te vejo no Zine-se! Fernanda Meireles
15. Alameda da saudade. Edu Manzano
16. O maior ano de nossa vida. HM
22. Chamada Geral
23. Lero-lero
24. Lapa. Napoleão Gaby

TOP!



TOP!

Nº 20, janeiro de 2006. ISSN 1415-8558



Publicação da editora

Marca de Fantasia

Editor: Henrique Magalhães. Rua Antônio Lira, 970/303. João Pessoa, PB. Brasil. Cep: 58045-030.

www.marcadefantasia.com.br; contato@marcadefantasia.com.br

Colaboração: La Productora, Fernanda Meireles, Edu Manzano e Napoleão Gaby. Os textos não assinados são de autoria do editor. As colaborações (textos, ilustrações e quadrinhos) são de propriedade e responsabilidade dos autores.

A editora Marca de Fantasia é uma atividade do Grupo Artesanal, CNPJ 09.193.756/0001-79

Quadrinhos que vencem fronteiras

Cada vez mais atuantes e prestigiados, ou autores e editores independentes crescem em produção e em qualidade, mostrando as novas expressões dos quadrinhos nacionais. Esta máxima não se aplica apenas ao Brasil. Em vários países do mundo constatamos o florescimento de uma atividade editorial que passa à margem das grandes editoras e suas edições previsíveis. Para discutir o momento excepcional da edição independente de quadrinhos um grande fórum aconteceu no final de novembro, na Argentina.

A cidade de Morón, na área metropolitana de Buenos Aires, sediou o 1º Festival Internacional de la Historieta de Morón, reunindo autores e editores independentes da Argentina e de vários países da América Latina, dos Estados Unidos e Europa. A realização do *Frontera* – como se denominou o Festival – ocorreu nos dias 26 e 27 de novembro de 2005, sob a organização de La Productora e da direção de Arte e Cultura do município.

Temos o mau hábito de estarmos virados para o Atlântico e só olharmos para cima e deixamos de ver a fasci-

Henrique Magalhães,
Cristian Mallea e
Gervasio em Morón



Aniversário de Angel Mosquito, quando de nossa visita a Morón



nante cultura que emana de nossos irmãos latino-americanos. Esta é a razão de praticamente desconhecermos o valoroso trabalho realizado por La Productora, uma das mais atuantes editoras independentes que produz revistas e livros em quadrinhos de qualidade excepcional. La Producto-

ra, dentre outros grupos que agitam a cena independente na Argentina, tem se destacado como um celeiro de jovens autores que honram a tradição da arte seqüencial desse país.

A editora Marca de Fantasia se irmana aos editores de La Productora na promoção e intercâmbio dos autores dos dois países. Num encontro memorável no início de outubro em Buenos Aires e Morón entre nós e os editores de La Productora realizou-se uma prévia do que aconteceria no festival. A troca de informações, a discussão acalorada e o clima de camaradagem que vivemos lá mostra a importância que representa o festival *Frontera* para a criação de uma frente latino-americana de editores independentes, proposta que seria encaminhada no encontro de novembro. Além de extremamente competentes em sua



produção artística e na organização do festival, Cristian Mallea, Angel Mosquito, Gervasio, Aón, Mazzone, Guaragna e Jok são as pessoas mais amáveis que se pode conhecer.

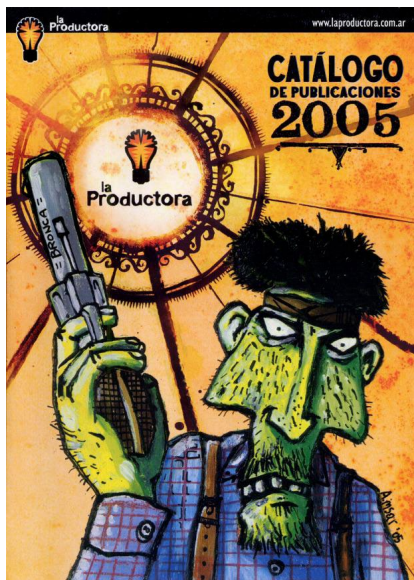
Frontera reuniu mais de 150 obras originais em exposição numa grande tenda armada na praça central da cidade; mais de 50 estandes de venda de publicações de editores independentes e associações, oficinas de desenho e roteiro, palestras, debates e espetáculos multimídia. Da feira de publicações participaram editoras e associações de toda a Argentina, do Chile, Bolívia, Peru, Paraguai, Uruguai, Colômbia, Portugal, Brasil, França e Estados Unidos. Os debates contaram com temas como “Historieta e política” e “Desconstruindo a indústria da historieta na Argentina”.

Entre as editoras presentes no evento contou-se com *Ergo Cómic*, do Chile, *Caraxoman*, do Peru, *Pseudo Gente*, da Bolívia, *Marca de Fantasia*, do Brasil, *Belerfonte* e *Guacho!*, do Uruguai. Este encontro reunirá pela primeira vez os editores associativos argentinos, a exemplo de *Llanto de Mudo*, de Córdoba, *Unhil*, de Tucumán, *AHI* e *Sacapunta*, de Rosário, *La Mancha*, de Salta, *Idioteque*, de Jujuy, *Aquelarre*, de San Nicolas, *El Picasesos*, *Ex-Abrupto* e *SudaMeryk*, de La Plata, *Iron Eggs*, *A4*, *Thalos*, *Comiqueando* e *Bastión*, de Buenos Aires, além de inúmeros autores. Grandes nomes dos quadrinhos argen-

tinios estiveram no festival, prestando uma homenagem póstuma aos mestres Héctor Oesterheld, Alberto Breccia, Eugenio Zoppi e Juan Zanotto.

O título do festival *Frontera* é mais uma homenagem a Héctor Oesterheld, o maior roteirista argentino de todos os tempos, evocando o nome de sua editora. Para os organizadores do festival, o objetivo de *Frontera* foi fazer de Morón um pólo dos quadrinhos independentes latino-americanos, um lugar onde os mestres e os jovens quadrinhistas pudessem divulgar seus trabalhos, gerar um espaço de reflexão e atrair o público a esta arte, que segue inexplorada no âmbito da educação e da cultura em geral.

HM



Catálogo de publicações de La Productora para 2005.
www.laproductora.com.ar

FRONTERA

1º Festival Internacional de la Historieta de Morón

Mensagem para todos os amigos “fronteros”

Queridos camaradas:

Alguns dias depois de concluir Frontera, o Festival Internacional da Historieta de Morón, queríamos agradecer a toda a comunidade da historieta argentina, sul-americana e do mundo por todo o apoio e a colaboração generosa que dedicaram a este projeto. Será difícil fazer um balanço do que se passou em Morón sob uma tenda de 3.000 m² nos dias 26 e 27 de novembro de 2005: 10.000 pessoas, 60 editoras, uma centena de profissionais e mestres, outra porção de quadrinhistas independentes, milhares de aficionados, palestras, oficinas, projeções e muito mais. As conclusões são tantas e tão boas que nos levaria muito mais que estas poucas linhas que seguem.

Inicialmente, Frontera criou um precedente que cremos importante: é possível realizar um evento popular e de categoria centrado somente na historieta argentina e latino-americana (logo, é mentira que se necessita enfeitar uma convenção com o incensado



material norte-americano e japonês e menos ainda com outros gêneros e disciplinas, como o cine *mainstream*, o *fanclubismo* e o *cosplay*). Claro que para isto há outros eventos, mas esperamos que Frontera sirva de exemplo para a afirmação de nós, quadrinhistas. Basta, como exemplo, que em Fron-

tera muitas editoras bateram recordes de vendas.

Em segundo lugar, a historieta demonstrou estar mais viva do que nunca por meio da enorme quantidade de artistas-editores independentes que mantêm a chama viva (90% das editoras em Frontera eram autogestionárias). Pudemos ver com satisfação como o público comum (o que circula pelas ruas moronenses num domingo qualquer) entrava e comprava e ficava admirado pela quantidade de talento e produto tão genuíno. Por último, e cremos que isto é o mais importante: aproximamos várias realidades diferentes em um mesmo lugar. Frontera foi o lugar de encontro (e reencontro) entre mestres, editores, jovens profissionais, quadrinhistas independentes, leitores, aficionados, público em geral. Vimos como os mestres que pouco viajam observavam emocionados os irmãos do interior do país e também os bolivianos, chilenos, paraguaios e peruanos. Reconheciam-se neles, chamavam-lhes irmãos. Isto guardaremos para sempre em nossas lembranças. Isto e algo que soou como música para nossos ouvidos: escutar a variedade

incrível de entonações, de sotaques, de gírias e modismos da fala em uma mesa de bar moronense. Tudo isso nos estava dizendo: a América Latina está viva!

Enfim, o sonho e a ambição foi grande, o esforço também, mas ao fim, aquilo sonhado se fez realidade. Não queríamos deixar passar mais tempo para agradecer-lhes e dizer-lhes que vocês também o fizeram. Logo colocaremos no sítio de Frontera (www.festivalfrontera.com.ar) a catarata de felicitações e comentários que temos recebido. Se desejam enviar-nos umas palavras, escreva-nos a: festivalfrontera@yahoo.com.ar e faremos o mesmo com suas opiniões. Enviamos-lhes nosso grande abraço, esperando encontra-los na volta do caminho, batalhando pela historieta, sempre.

Gervasio, Aón, Guaragna, Jok, Mosquito e Mallea te dizem...

¡Gracias por todo, men!

Morón, 22 de dezembro de 2005.

Trad. HM.



Gervasio, Aón, Mazzone, Guaragna, Jok, Mosquito y Mallea

Corporação de fanzines

Fortaleza é uma cidade solar, como diria Fernanda Meireles em seus fanzines e cartas aos privilegiados que desfrutam de sua amizade calorosa. Não por menos, a cidade brilha e irradia uma luz contagiante, que se propaga incontrolavelmente por meio da produção de pequenas publicações marginais, paralelas, subterrâneas, espontâneas e cheias de emoção. É notória a produção intensa de fanzines na capital cearense, projetando-a como uma das mais importantes no cenário nacional.

O fenômeno da edição independente em Fortaleza vem de longe, com as revistas *Pau de Arara* e *Pium*, esta como fruto das oficinas de Histórias em Quadrinhos ministradas na Universidade Federal do Ceará. Mais recentemente tivemos a página *Pub*, capitaneada por Weaver Lima e Thaís Aragão, no jornal *O Povo*, que abria um espaço privilegiado aos fanzines e demais publicações alternativas. De suas intervenções no meio tivemos o *Energetic Zines*, uma mostra que resultou num excelente catálogo das edições do gênero.

O poder de sedução dos fanzines tem criado uma legião de novos

editores e produtores independentes. Thaís Aragão voltou-se para a criação do Gerador Music, um selo que atua fora dos entraves do mercado fonográfico. Isto sem perder o contato com a produção de fanzines. Juntamente com Fernanda Meireles, Tiago Montenegro e mais alguns provocadores da cena, Thaís participa da ONG Zinco – Centro de Estudo, Pesquisa e Produção em Mídia Alternativa.

Como afirma Fernanda Meireles, diretora da ONG, o nome Zinco surgiu a partir da expressão *zine corporation*, “afinal, em meio a tantas corporações, criamos uma para se infiltrar e conquistar um espaço no qual o individualismo competitivo dê lugar ao individualismo corporativo”. É este o tom que Fernanda procura imprimir em suas palestras e oficinas em universidades e associações de bairro. Sua meta é propagar a liberdade de expressão, fornecendo subsídios e ferramentas para que novos editores se tornem capacitados a soltar o verbo e imprimir suas idéias.

Concretamente, o resultado é visível quando Fernanda Meireles consegue reunir dezenas de editores de fanzines para uma troca de experi-

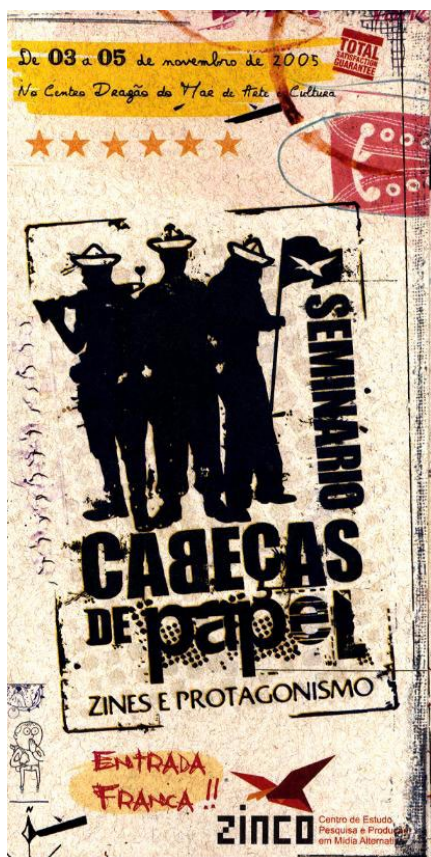
ência e publicações no *Zine-se*. Esse encontro itinerante que ocupa praças e centros culturais que acontece regularmente, uma vez por mês, completa quatro anos em março de 2006. Foi a partir da repercussão desses encontros, inicialmente meio improvisados, que o grupo de editores sentiu a pressão organizacional para a elaboração de projetos mais ousados. A criação do Zinco tornou-se uma necessidade

operacional, para facilitar a resolução de novas demandas.

O projeto mais importante do Zinco até o momento foi a realização do seminário *Cabeças de Papel: zines e protagonismo*. O evento ocorreu entre os dias 3 e 5 de novembro de 2005, no Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura. Um dos pontos a se realçar é a importância desse projeto, que contou com o engajamento institucional oficial. Isto não pode ser visto como a cooptação da ONG à oficialidade, mas o reconhecimento da importância de sua proposta social. É oportuno lembrar que as estruturas de qualidade do estado devem estar à disposição de todas as camadas sociais, das quais as organizações populares devem tirar proveito disso.

O tema proposto pelo seminário, “Zines e protagonismo”, reforça exatamente essa postura de democratização dos espaços públicos e dos meios de comunicação. Cada leitor, cada indivíduo, pode passar de mero receptor a emissor, assumindo o papel central na comunicação. Este protagonismo implica na troca de informações, no domínio do discurso e sua difusão.

Para levantar questões e trocar experiência estiveram presentes no seminário produtores, editores, estudantes e organizadores de fanzines e grupos sociais. Para o painel “Zine e democracia” foram convidados Marcelo Inácio e Henrique Magalhães, além da participação de Fernan-



Capa do folder com a programação do seminário

da Meireles. Marcelo Inácio é assessor de imprensa da Associação dos Docentes da UFC e coordenador do Movimento Cearense pela Democratização da Comunicação. Ele falou sobre “A comunicação como direito humano e o papel da mídia alternativa”.

Henrique Magalhães é professor de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba e autor dos livros *O que é fanzine*, *O rebuliço apaixonante dos fanzines*, *A nova onda dos fanzines* e *A mutação radical dos fanzines*. Sua comunicação versou sobre “A história dos fanzines”. Fernanda Meireles é graduada em Letras, editora do fanzine *Esputinique* e facilitadora de oficinas, além de dirigir a Zinco. Ela abordou “A experiência dos zines em Fortaleza”.

O segundo painel do evento teve como tema “Os zines como detonadores de processos sociais”, com a participação de Thaís Aragão, Isabel Chagas e Elaine Bonfim. Thaís Aragão é jornalista, produtora do Gerador Music e diretora da Zinco. Sua palestra abordou “O fenômeno da emergência e a teoria da complexidade. Como a sociedade se organiza de baixo para cima”.

Isabel Chagas foi substituída por



Fernanda Meireles e o “Reizinho”, na abertura do seminário

Sérvulo Paulo, presidente da Associação Cearense de Redução de Danos (Acerd), que apresentou sua experiência de “Como os zines podem reduzir danos”. Elaine Bonfim é grafiteira do Coletivo Êxito de Rua e editora do *Rosas Urbanas Zine*, do grupo Rosas Urbanas, de Pernambuco. Elaine falou sobre “A comunicação alternativa no coletivo Rosas Urbanas”.

O terceiro e último painel provocou: “Não culpe a mídia. Seja a mídia”. Dele participaram como pales-trantes Leite Júnior, Sílvia Moura e Tiago Montenegro. “Os zines e a academia. A importância da pesquisa em comunicação alternativa como forma de registro histórico” foi o tema apresentado por Leite Júnior, que é professor da Universidade de Fortaleza – Unifor.

Sílvia Moura, coreógrafa, coordenadora do Centro de Experimen-

tações em Movimento e educadora social, dissertou sobre a “Experiência dos zines no Instituto Penal Auri Moura Costa”, de Fortaleza. Já Tiago Montenegro, estudante de Comunicação Social, editor e facilitador de oficinas de fanzines e diretor da Zinco, falou sobre “As notícias que correm por fora. Os circuitos marginais de produção e consumo de informações”.

Além dos seminários, que tiveram um alto nível de participação, tanto quanto à afluência como pela participação nos debates, o evento contou com outras atividades ligadas ao contexto da produção independente, como oficinas de grafite e fanzine, exibição de vídeos de todo o Brasil abordando as mídias alternativas, uma série de filmes comerciais sobre o tema, em exibição durante o evento e programados para as salas de cinema do Dragão do Mar, apresentação de break com o Coletivo Rosas Urbanas, de Recife e a Central Única das Favelas, de Fortaleza. E encerrando o seminário de forma magistral, mais uma edição do Zine-se, com o lançamento dos fanzines produzidos nas oficinas do evento.

A preocupação de Fernanda Meireles e da Zinco não foi só criar um fórum para a discussão sobre o meio independente e a apresentação de sua produção. Um dos principais méritos do seminário foi a

propagação do conhecimento sobre os meios de produção. Para isto Fernanda coordenou a oficina “Zines em projetos sociais”, dirigida à capacitação de facilitadores para oficinas de zines, para arte-educadores, gestores públicos e representantes de organizações não-governamentais.

É este o diferencial da cena alternativa em Fortaleza. Não apenas produzir intensamente, mas promover também a troca de experiências. Mais que refletir sobre o momento histórico e a responsabilidade social dos agentes culturais, a Zinco procura alastrar o poder de fogo de sua atuação no meio, fomentando a multiplicação de protagonistas.

HM



Uma das garotas das Rosas Urbanas, forte presença no evento

Te vejo no Zine-se!

Fernanda Meireles

Então, em novembro acontece o 30º Zine-se. Eu tento tomar nota, organizar, lembrar. Eu não estou só. Quantos zineiros existem em Fortaleza? Talvez nem tantos milhões assim, talvez a grande diferença do que acontece aqui para o que (não) acontece em outras cidades seja *o encontro*. Literalmente: ver, ir de encontro a, descobrir, achar. Fazer zines tem a ver com estar sozinho, pensar sozinho, criar sozinho. Tem a ver com escolher uma boa trilha sonora, fechar a porta do quarto e se transmutar em papel, caneta, computador, cola, tesoura. O rapaz que vai tirar as cópias e manusear o precioso original (sem saber, sem ligar, sem nem notar, às vezes) será o primeiro ser humano, além do autor, a tocá-lo. É tão embaraçoso. O fato é que, enquanto a maioria dos zineiros convive pelo correio e/ou, por encontros espaçados/ocasionais, aqui acontece o *Zine-se*. Todo mês ele é marcado

num lugar diferente e divulgado boca-a-boca e por cartazes que cada participante bola e espalha. Algumas pessoas estranham o fato de que 95% dos zineiros de Fortaleza (dentre os cerca de 70 que conheço) troquem cartas. Cartas de verdade! Eu acho que é um dos fatores que



Bancas de exposição de fanzines no Zine-se

ajudam a manter próximas, conscientes uma da outra, pessoas que não moram na mesma rua. A intimidade/cumplicidade que se cria entre correspondentes dá aos fanzines e ao Zine-se um gosto diferente. O que está no zine é legal? Seu autor



O diálogo é o ponto forte de Fernanda Meireles (à direita), uma das organizadoras do Zine-se

será infinitamente melhor? Situações comunitárias inéditas. Nada está pronto, não há porteiro, garçom, coreógrafo, entrada, saída, relógio. O Zine-se é criado, transformado, moldado por quem aparece. O Zine-se é muito bacana.

Claro que há pessoas mais inteiradas, afinal, ele já acontece há 2 anos e ½. Mas todos são ótimos anfitriões a céu aberto (o que é infinitamente mais bonito e difícil que ser bom anfitrião na sua casa). Tem gente que vai num mês e some. Ou que passa 6 meses indo sem levar um zine. Tem quem sempre diz que vai e nunca aparece. Tem quem aparece de surpresa. Tem quem deixa um bolo de zines lá e vai embora. Tem quem já chega perguntando e rindo: “Quais são os de graça?” Tudo é bom.

A graça é que na verdade somos todos autores, leitores e pessoas

comuns. Tudo ao mesmo tempo e agora. Ah, somos ou seremos correspondentes, também! Isso é fundamental, eu repito. Num mundo tão aperreado, tão rápido e às vezes tão estéril, trocar cartas é um ato de fé, é um presente, é uma elegância.



Nico, também diretor da ONG Zinco, agita a cena dos fanzines em Fortaleza

Este texto manuscrito – como as boas cartas – de Fernanda Meireles está publicado no número 8 do Espotinique, fanzine/repertório

dela mesma, editado em Fortaleza. No Espotinique, um baita fanzine no formato A4, 24 páginas, Fernanda apresenta uma infinidade de outras publicações que lhe chegam às mãos, dos mais diferentes locais desse país imenso (são 56 só de Fortaleza, mais 63 zines de fora). É certo que boa parte das publicações é mesmo de Fortaleza, o que não é um problema. Ao contrário, o Espotinique faz eco de uma cena independente extremamente agitada na cidade - divulgando de forma pessoal e apaixonada dezenas de fanzines com diferentes abordagens - e uma impressionante organização do meio, a ponto de promoverem um

encontro mensal itinerante, além de oficinas de fanzines.

Não é só o encontro que faz a diferença do meio dos fanzines de Fortaleza para o de outras cidades. O companheirismo entre os editores, a motivação para a troca de informações e publicações, o semear com a formação de novos leitores e editores, tudo isso representa muito mais que o ato isolado de trancar-se no quarto e viajar através de folhas em branco e da luz indolente da tela do computador. A atitude é o que importa, e a resposta vem nessa maravilhosa cena que se renova a cada mês e que torna mais viva a cidade e seus criadores. HM

Espotinique

Nº 8, out. 2004. 24p.

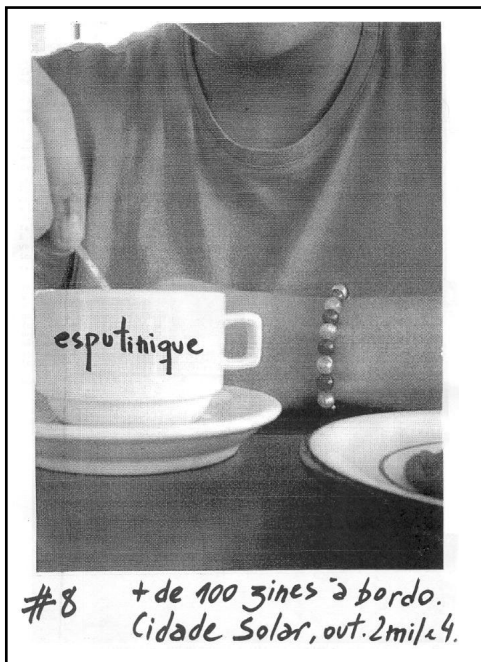
Formato A4

Editora: Fernanda Meireles

Rua Gustavo Braga, 110, Rodolfo

Teófilo.

Fortaleza, CE. 60420-130



#8

+ de 100 zines à bordo.
Cidade Solar, out. 2mil+4.

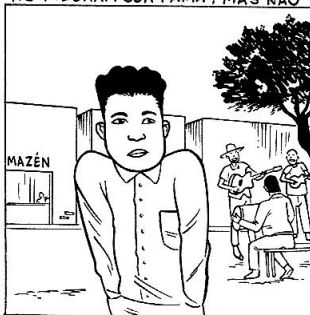
EDU MANZANO

ALAMEDA DA Saudade

SAUDADE É UMA PALAVRA QUE SO EXISTE NA NOSSA LÍNGUA, MAS ESTE É UM SENTIMENTO UNIVERSAL. SAUDADE É IRMÃ DA NOSTALGIA, ALGO QUE BARÃO, O MORADOR MAIS ANTIGO DESTA RUA, CONHECE MUITO BEM. BRASILINO VENTURA É SEU NOME.

ENTRE SUAS LEMBRANÇAS, HÁ UMA FOTO COM ADONIRAN BARBOSA QUE GUARDA COM CARINHO. ADONIRAN O HOMENAGEOU NA MÚSICA "SAUDO-SA MALOCA" CITANDO-O COMO O "BRÁS"

DIZ A LENDA QUE BARÃO NASCEU EM UMA RODA DE SAMBA. AJUDOU A FUNDAR DIVERSOS GRUPOS E ESCOLAS NA VELHA GUARDA DO SAMBA PAULISTANO. SUA VOZ AVELUDADA E A PRECISÃO DE SEU PANDIRO FIZERAM SUA FAMA, MAS NÃO TROUXERAM FORTUNA...



BARÃO GANHOU MUITO DINHEIRO, QUE VIU SUMIR COM MULHERES, JOGOS E A VIDA BOÊMIA. NUNCA SE CASOU, NEM TEVE FILHOS, PELO MENOS NUNCA SOUBE DE NENHUM.

ELE É CONSIDERADO O ÚLTIMO AUTÊNTICO BOÊMIO. VIVENDO MODESTAMENTE HOJE AINDA ALÉGRA AS MESAS DA NOITE PAULISTANA.



NA ALAMEDA DA SAUDADE, BARÃO É O VIZINHO QUE TODOS GOSTAM DE TER À SEU LADO.

SEMPRE COM UM SORRISO SINCERO NOS LÁBIOS, CARREGANDO NOS OMBROS A SABEDORIA E A MALANDRAGEM DOS ANOS

NAS SOMBRAS DE SÃO PAULO, UM BOÊMIO AINDA CONTA SUAS HISTÓRIAS...



— NÃO DEIXE O SAMBA MORRER, NÃO DEIXE O SAMBA ACABAR —



O maior ano de nossa vida

Não é sempre que podemos afirmar com tanto entusiasmo que o ano que acabou foi, sem dúvida, o maior ano de nossa vida. É esta a sensação que sentimos ao contemplar tantos êxitos conseguidos com a produção da Marca de Fantasia. O trabalho foi intenso, os contatos múltiplos, o reconhecimento do público e da crítica inquestionável, as perspectivas venturosas.

Embora este pareça um discurso um tanto irreal, num país devastado pelo descrédito e pela desesperança – a roubalheira grassa solta e a única reserva ética da política enterrou-se na lama – há mesmo o que se comemorar. A resistência é a nossa meta, pra não dizer condição, não só nas questões políticas, mas em todos os meandros de nossa vida cotidiana.

Se as editoras comerciais patinam no óbvio, é cada vez mais evidente a setorização da edição de quadrinhos. Novas editoras se lançam no mercado voltadas para as livrarias especializadas e as publicações, cada

vez mais luxuosas, restam praticamente inacessíveis ao leitor comum.

Neste contexto, o papel das editoras independentes, não por acaso fruto da produção persistente dos fanzines, é uma lufada de criatividade e renovação, confrontando-se à mesquinhez do mercado. É certo que temos bem poucas editoras independentes e não mais que alguns editores caprichosos, que se dedicam à auto-edição. Contudo, em vista a um meio tão conservador, mesmo os poucos lançamentos fora dos padrões devem ser festejados.

Os velhos leitores desamparados fogem das bancas como o diabo da cruz. Os novos embarcam nas velhas fórmulas dos super-heróis e no tsunami dos mangás. Correndo por fora com a Marca de Fantasia, atuamos na criação de um robusto catálogo de publicações e uma difusão condizente com os novos tempos. A criação de um catálogo eletrônico e uma livraria virtual tem promovido com propriedade a relação direta com os leitores e atendido com agilidade as demandas.

Foi-se o tempo das malas diretas, dos catálogos impressos, das correspondências que se arrastavam nos trâmites burocráticos. O contato se faz desde já imediato, por correio eletrônico. As vendas são feitas por depósito bancário. Mas dependemos ainda dos Correios para a remessa das publicações. Dos males, o menor. Com os meios eletrônicos reduzimos drasticamente o caminho para a divulgação e venda das publicações.

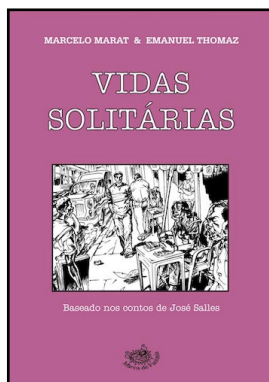
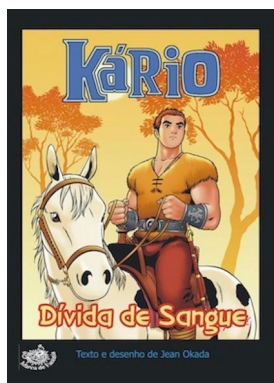
A Marca de Fantasia tem tirado proveito das novas tecnologias para crescer e alcançar cada vez mais leitores. Contudo, só o meio eletrônico não é suficiente para se criar esse novo “mercado”. Sem um bom catálogo não se vai longe. Foi com a diversificação de sua produção que a Marca de Fantasia se firmou como um celeiro de novos quadrinhistas e estudiosos da área.

Em 2005 tivemos 16 publicações lançadas, quase dois títulos por mês.

Se constataremos que a editora é uma equipe de “eu sozinho”, este é um trabalho descomunal, pois implica, além da divulgação e da venda, no domínio de todo o processo de produção: da seleção do material à diagramação, da impressão à intercalagem, da costura à prensagem, da colagem da capa ao corte. Tudo isso feito de forma artesanal, meticulosamente, com o carinho com que se faz um objeto de arte, um produto único. A exceção é a impressão da capa, que é feita numa gráfica.

Este trabalho carinhoso também não faz uma editora se não se tem um bom conteúdo. Neste item a Marca de Fantasia fecha questão. Que adianta lançar quadrinhos e estudos se não tiverem qualidade? Repetir os desacertos do mercado é desperdiçar todo o esforço pessoal e desprezar o potencial de nossos jovens autores.

O melhor exemplo damos com a seleção dos quadrinhos que publica-



Kário: dívida de sangue, de Jean Okada; *Elegia*, de Edgar Franco e *Vidas Solitárias*, de Marcelo Marat e Emanuel Thomaz

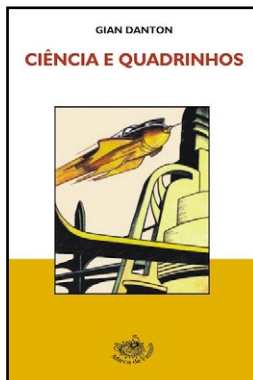
Maria: espirituosa há 30 anos, de Henrique Magalhães e *A Turma do Xaxado: brasileiros como você*, de Antônio Cedraz



mos. Na coleção *Corisco*, que abrange roteiros curtos e histórias fechadas, tivemos a qualidade de trabalhos como *Kário: dívida de sangue*, de Jean Okada e *Elegia*, de Edgar Franco, que inclui um registro musical inspirado em seus quadrinhos poéticos. Marcelo Marat e Emanuel Thomaz voltam ao catálogo com o livro *Vidas solitárias*, com quadrinhos adaptados de contos de José Salles. Os 30 anos de criação da personagem *Maria*, de minha au-

toria, foram comemorados com gala, com a retrospectiva de suas tiras em *Maria: espirituosa, há 30 anos*. Pela coleção *Das tiras, coração*, Antônio Cedraz marca presença com *A Turma do Xaxado: brasileiros como você*.

Uma das veias mais prolíferas da editora é a edição de ensaios sobre quadrinhos e cultura pop. Aproveitando a brecha do mercado, lançamos uma série de estudos provenientes ou não do meio acadêmico. São mo-



Fanzine, de Edgard Guimarães; *Ciência e Quadrinhos*, de Gian Danton e *A mutação radical dos fanzines*, de Henrique Magalhães

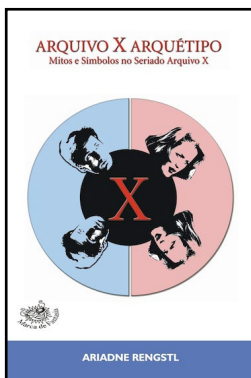
nografias, partes de dissertações e estudos independentes, que mostram a grande capacidade analítica de nossos pesquisadores. Boa parte desses autores tem um pé no *fanzinato*, o que lhes confere crédito sobre o que estão escrevendo.

Neste campo, o interesse dos leitores tem sido avassalador. Alguns, para embasar novos estudos acadêmicos; outros, por curiosidade e para aprofundar seus conhecimentos. O fato é que a coleção *Quiosque* tem sido, de longe, o grande carro-chefe da editora, abrindo as portas para o restante do catálogo.

Sairam em 2005 pela coleção oito títulos dos 14 editados. Foram eles: a 3ª edição de *Fanzine*, de Edgard Guimarães, livro fundamental que estava esgotado; *Ciência e quadrinhos*, de Gian Danton; *A mutação radical dos fanzines*, de minha autoria, complementando meus estudos sobre

a história e a evolução dos fanzines; *Algumas leituras de Príncipe Valente*, de Edgard Guimarães; *Arquivo x Arquétipo: mitos e símbolos no seriado Arquivo X*, Ariadne Rengstl; *O que é História em Quadrinhos Brasileira*, organizado por Edgard Guimarães, com a participação de Marcelo Marat, César Silva, Gazy Andraus, Edgar Franco, o próprio Edgard Guimarães e Henrique Magalhães; *Watchmen e a teoria do caos*, mais um trabalho brilhante de Gian Danton; e *O rasgão no real*, de Braulio Tavares. Este último, produzido em 2005, mas com lançamento previsto para o início de 2006.

Além dos livros da coleção *Quiosque* tivemos mais um ensaio de autoria de Wellington Srebek, *Um mundo em quadrinhos*, que desmistifica vários conceitos cristalizados a respeito dessa arte. O sucesso dos livros teóricos demonstra o potencial desse nicho editorial e o amadurecimento do



Algumas leituras de Príncipe Valente, de Edgard Guimarães; *Arquivo x Arquétipo*, de Ariadne Rengstl e *O que é História em Quadrinhos Brasileira*, organizado por Edgard Guimarães

público. Em paralelo, temos recebido várias propostas de distribuição de nossos livros em livrarias especializadas, além de sítios na internet. Este é um passo que, no entanto, ainda não ousamos dar. Não entra em questão a qualidade de nosso trabalho, mas nossa capacidade produtiva. Estamos longe ainda da produção em grandes tiragens, mas isto é algo que devemos almejar.

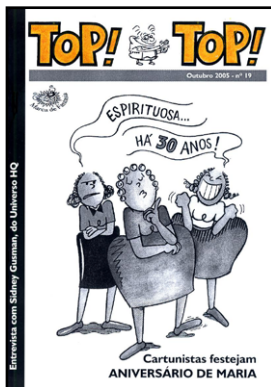
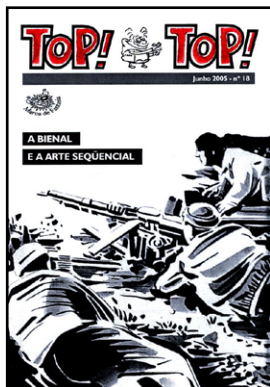
Lembremos ainda a edição de dois números do fanzine *Top! Top!*, que é nosso espaço para a reflexão aberta aos leitores, para a troca de informações, para o exercício jornalístico. O número 18, de junho, traz como tema central um excelente artigo de Gazy Andraus sobre a linguagem dos quadrinhos nas obras da Bienal de São Paulo. No número 19 a personagem *Maria* reúne os companheiros de cartum numa confraternização pelos seus

30 anos de existência. Nesta mesma edição consta uma longa entrevista com Sidney Gusman, o guru de um dos melhores sítios sobre quadrinhos, o *Universo HQ*.

Dois eventos marcaram o ano de forma excepcional, nos quais estivemos envolvidos pela projeção de nossa editora. Em outubro, estreitando os laços com os irmãos argentinos, estivemos numa prévia em Buenos Aires e Morón do que viria a ser o *Frontera: 1º Festival Internacional de la Historieta de Morón*. Esse encontro foi fundamental para a consolidação de nossa produção para além de nosso quintal. Este salto já se fazia por intermédio da publicação por nós de livros de autores internacionais, a exemplo da francesa Claire Bretecher, do português Nuno Reis e do argentino Sergio Más, bem como da participação do cubano Garrincha e



Watchmen e a teoria do caos, de Gian Danton; *O rasgão no real*, de Braulio Tavares e *Um mundo em quadrinhos*, de Wellington Srbek



Top! Top! 18 e 19: informação, crítica e diálogo com o leitor

do franco-brasileiro Eduardo Barbier nas páginas do *Top! Top!*

O outro evento aconteceu em Fortaleza. O seminário *Cabeças de Papel: zines e protagonismo*, do qual participei como expositor e palestrante, irradiou energia e abriu as cabeças para o papel social dos fanzines e de outras expressões da cultura indepen-

dente e alternativa. A história desses dois eventos temos aqui, nesta edição de nosso fanzine.

Mais que dormir sobre a glória passada, esperamos manter ou ampliar o ritmo de nossa produção. A Marca de Fantasia tem crescido com a força solidária dos leitores, e isto nos traz ainda mais responsabilidades.

HM

MARIA Henrique Magalhães



Chamada Geral

Fatherzine

Edição especial nº IV. Julho de 2004. 32 p. 15cm x 21cm.

Editor: Valdir Ramos. Caixa postal 44. Araraquara, SP. 14801-970. fatherzine@zipmail.com.br.

Há mais de dez anos Valdir Ramos vem se dedicando à divulgação da obra de Jimi Hendrix, o maior guitarrista de todos os tempos. Para expressar sua paixão pelo mito da música, nada melhor que a edição de um fanzine, onde ele pode não só prestar suas homenagens como estabelecer contatos com outros fãs afins.

Um verdadeiro magazine de fã, o *Fatherzine* aborda diversos aspectos da vida e do trabalho do músico de forma apaixonada, opinativa, mas também informativa. O fanzine é uma enorme colcha de retalhos com recortes de textos e ilustrações que correspondem à peculiar estética dos fanzines de música. Algumas colaborações são involuntárias, retiradas de livros, revistas e jornais de toda parte do mundo que por algum motivo se referiram a Jimi. A própria capa, com um desenho de Buddy Brook, traz uma dessas ilustrações “chupadas” de

outras publicações. Isto para os fanzines, contudo, não é nenhum crime, visto que seu caráter amador não implica em interesses que infrinjam o respeito aos direitos autorais.

Mas, temos também colaborações elaboradas exclusivamente para o fanzine, veiculadas em primeira mão. É o que vemos com a adaptação por Valdir Ramos da música “Castles made of sands” (Caste-

los feitos de areia), de Jimi Hendrix. O texto da música foi ilustrado por três quadrinhistas: a primeira parte, a cargo de Henry Jaepelt (SC); a segunda por Marco Antonio Monteiro (RJ); e a terceira realizada por Sidney de Carvalho (BA). Isto mostra a originalidade do trabalho de Valdir Ramos, que propõe, juntamente com os desenhistas, uma leitura particular da obra de Hendrix.

Algumas colaborações tratam ainda do rock em geral, dando uma contextualização ao tema do fanzine, onde se tem cartuns, tiras e HQ de Adão Iturrusgarai, Glauco, Lerçon Santos, Henry Jaepelt, Drago, Angeli e Erick Q. C. Esse clima de comunhão é, enfim, um das virtudes do *Fatherzine*, que se mantém em constante renovação.



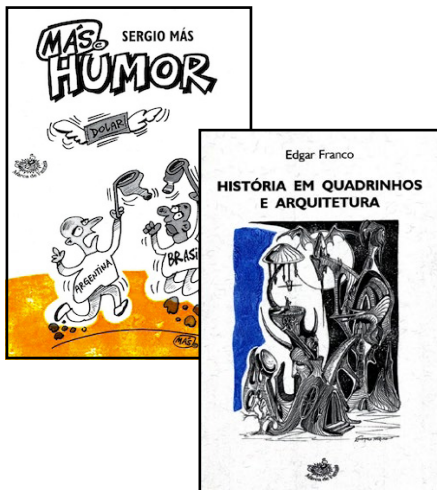
Lero-lero

Más humor

Meu caro Henrique, recebi o livro *Más Humor*, de Sergio Más, editado por você. Muito bom mesmo. Más é muito bom, aposto que nos próximos anos vai estourar. Além dos desenhos serem efetivamente engraçados, tem um quê a mais, que só aparece nos bons caricaturistas. Vai em outra direção da de Quino, por exemplo, mas acerta nos seus alvos, que é a burrice humana, pra não dizer sandice. O livro está muito bem feito, como editor você se supera dia-a-dia.

João Antonio B. d'Almeida
Campinas, SP

É mesmo um grande prazer poder difundir o trabalho de Sergio Más, irmão argentino que já tem presença marcante no meio independente brasileiro e com bastante reconhecimento em seu país.



Resgate

Recebi os livros *História em Quadrinhos e Arquitetura* e *O Herói na Grécia antiga*. Não cesso de me surpreender pela enorme importância de sua iniciativa em resgatar textos de interesse dos leitores de quadrinhos (e estudiosos dessa linguagem) através da Coleção Quiosque. Seria interessante, também, que você reeditasse seus próprios textos, numa coletânea ou em edições temáticas. Algo próximo ao que Edgard Guimarães fez no *Desenquadro*.

Marcelo Marat
Belém, PA

Marcelo se refere aos livros de Edgar Franco e Wellington Srebek, respectivamente, publicados pela Marca de Fantasia na Coleção Quiosque. A proposta da coleção é exatamente esta, o resgate e difusão de textos que são produzidos no meio acadêmico e que acabam guardados, sem o acesso dos estudantes e pesquisadores. É bom lembrar que há uma quantidade enorme de pesquisas voltadas aos quadrinhos, como se vê anualmente no congresso da Intercom. Foi a partir da participação em um desses encontros que me veio a idéia de transformar os textos em livros. De mesmo modo, sempre achei que as monografias realizadas por meus alunos como trabalho de conclusão de curso mereciam ser editadas. O resultado é esta coleção, que tem alcançado uma repercussão muito favorável.

LAPA

Napoleão Gaby

